



» texto por Paula Parisot • fotos por Cristiano Mascaro



# De volta a Paris

Um passeio pela cidade, na companhia dos escritores preferidos

J á morei em Paris e visitei a cidade tantas vezes que nem me recordo ao certo de cada uma delas. Mas, pela primeira vez, estou nessa cidade como uma escritora que acabou de ter seu primeiro livro publicado. Foram muitas idas e vindas, e durante todos esses anos fui conhecendo Paris distraidamente. Passava, conhecia lugares e pessoas, fazia amigos. E talvez goste ainda mais dessa cidade devido a esses amigos, que têm um humor irritadiço que não me in-

comoda em absoluto. Sim, sei que muitos dizem que os parisienses são uns xenófobos insuportáveis, talvez sejam, mas e daí? Gosto deles. Eles não só falam francês lindamente (refiro-me ao sotaque parisiense) como se vestem bem. Seus cabelos são encombados e mesmo isso lhes acrescenta um certo charme. Bebem diariamente bons vinhos, tomam champanhe, comem queijos magníficos e pães deliciosos. Só de pensar no croissant que comia de manhã, fico com água na boca. E o chocolate? Quantas vezes fui a pé, debaixo de chuva e frio, até a loja de Denise. Acabo só para comprar um bombom. A própria Denise era quem atendia. Ela era baixinha, usava saia kilt e duas tranças. No início não era simpá-

tica comigo, mas depois começou a sorrir. Um dia, contei para ela que passava a tarde desenhando no Louvre. Ela me interrompeu: "Paula, o ateliê do Toulouse-Lautrec era aqui neste prédio, no andar de cima, onde eu moro. Quer ir ver?"

Segui Denise. Saímos por uma porta atrás do balcão. Nos fundos havia um lindo jardim e uma escada de pedra que subimos, na direção do apartamento. Denise abriu a porta e me convidou para entrar. Fiquei quieta olhando aquela enorme sala com pé direito altíssimo e um grande espelho em estilo art nouveau no centro. Era ali, em cima da minha loja favorita de chocolates, que Toulouse-Lautrec trabalhava. Naquele dia comprei uma caixa de chocolates, es-



Nas ruas e na beira do rio Sena; a cidade é perfeita para quem quer andar sem rumo, admirando

queci que estava de bicicleta e voltei andando para casa: "Paris, ah, Paris!"

A CIDADE É LINDA, a comida, esplêndida, os cafés, as livrarias, as lojas, as pessoas nas ruas, tudo é quase perfeito. Então, eu me pergunto: como não amar Paris? Até agora falei obviedades, coisas que podemos ver facilmente. Lugares comuns. "A rose is a rose, is a rose, is a rose", já dizia a escritora e moradora desta cidade, Gertrude Stein, no seu "Sacred Emily". E sendo assim, Paris é Paris, é Paris, é Paris. Essa frase da Stein ficou tão conhecida que Robert Frost, Hemingway, Aldous Huxley e Burroughs, entre outros, a parodiaram. Não só o mundo literário reverenciou a locução, Margaret Thatcher

disse certa vez durante um discurso "um crime é um crime, é um crime". Desculpe todas as citações, mas faço comigo mesma uma brincadeira que chamo de exercício mnemônico, ou seja, treinamento para a memória. Desde a minha adolescência tenho uma espécie de obsessão, um medo terrível de esquecer as coisas.

Estou sentada no La Closerie des Lilas, esperando uma amiga e me ponho a pensar sobre esta "brasserie" que caminha para os dois séculos de existência. Foi freqüentada por muitos artistas e escritores, como Hemingway, Apollinaire, Rimbaud, Fitzgerald, Beckett, Ionesco, Henry Miller, pintores como Picasso, Modigliani, Cézanne, políticos como Lênin e até por Mick Jagger, com sua mo-

derna simpatia demoníaca. Esses são apenas alguns dos habitués. Mas outras figuras ilustres também andaram por aqui, como James Joyce.

Vai me passando pela cabeça tudo que aprendi com minha experiência e nos livros, pinturas, filmes, músicas ou histórias que me contaram. Não existe uma só verdade, não existe apenas uma Paris. Mas, para mim, só existe uma, que é a minha.

Como já disse, estou sentada na parte externa do La Closerie des Lilas, que hoje é cercada de arbustos que não permitem que eu veja a estátua do marechal Ney como Hemingway fazia. Por que cercaram o restaurante com plantas? Seria tão bom ficar vendo a rua. Lembro



Hemingway reconhecia na pintura de Cézanne a fome necessária e constante que um artista deve sentir

que antes de fazer essa viagem li um texto do Paul Auster em que ele dizia que precisava ir embora da sua cidade, Nova York, para poder pôr seus pensamentos em ordem e descobrir se poderia se tornar um escritor. Ele então saiu de Nova York e veio para Paris. Tinha 25 anos. Só foi publicar seu primeiro livro anos depois, quando já havia retornado a Nova York. Nesse mesmo texto, acrescenta que na época Paris lhe pareceu a escolha errada. Ele não foi o único que antes de

se tornar um escritor consagrado vagou sem dinheiro pelas ruas de Paris.

HENRY MILLER, no seu livro "Trópico de Câncer", relembra que, apesar da sua quase impossibilidade de sobreviver na cidade, percebia certo esplendor naqueles dias miseráveis. Miller sentia-se confortável na Gare St. Lazare com as prostitutas. Hoje, em frente a essa estação de trem, as prostitutas foram substituídas por "sex shops". Imagino Henry Miller sem encontros, sem convites, sem programa e sem dinheiro, sozinho. Mas o que é a solidão para um homem que disse "quando eu não tinha amigos vivia uma era de ouro". Creio que passeava pelo "Jardin des

Tuileries" e apertava seu estômago para não ouvi-lo roncar pedindo comida. Miller passou fome em Paris e mesmo assim sorria pelo simples fato de estar ali. Na verdade, não sorria, tinha ereções olhando as estátuas do parque. Já Hemingway, quando se sentia esfaimado, refugiava-se no "Jardin du Luxembourg", o único lugar, segundo ele, que não cheirava a comida. Ali, visitava o museu e ficava horas olhando as paisagens de Cézanne. Acreditava que devido à fome era capaz de sentir e entender ainda mais o pintor. Hemingway reconhecia na pintura de Cézanne a fome necessária e constante que um artista deve sentir, a fome de vida. Seja essa fome movida por revolta, frus-



Ruas estreitas, avenidas, passagens e galerias: para se perder e descobrir novos caminhos

tração, raiva, indignação ou amor. Algo que nos impulsiona para o impossível.

São 7h da noite, ainda é dia. Minha amiga só deve chegar dentro de meia hora e a noite cobrirá a cidade daqui a umas três horas. Continuo sentada no Lilas, onde Hemingway trabalhava e tomava seu uísque. Bebo champanhe, não gosto de uísque. Andei de bicicleta o dia inteiro. A Prefeitura de Paris colocou 10 mil bicicletas nas ruas, para alugar; a primeira meia hora sai de graça. É o tempo necessário geralmente para chegar ao destino. Acho que Hemingway adoraria essas bicicletas que se chamam Velib.

FAZ QUATRO DIAS que passeio pelas ruas estreitas e pelas avenidas, às vezes me perdendo e descobrindo novos caminhos. À noite, gosto de olhar as luzes das pontes, depois descer até a beira do Sena. Aproveito para visitar o Louvre na quarta-feira. O verão é a única época do ano em que o museu abre durante a noite, e só nas quartas. Contemplo as catedrais, as igrejas, os cafés. Observo as pessoas, os telhados de ardósia e as entradas do metrô em estilo art nouveau, que tanto amo. Hoje, quando passei na praça St. Sulpice, olhei a catedral, que estava coberta com toldos e tábuas para ser restaurada. Não pude ver aquela linda construção e fiquei triste. Lembrei-me de Anatole France, que adorava aquele lugar. Quando pensei nele, usei um processo mnemônico para lembrar sua frase: "Se for bom, não tenha escrúpulos, copie". O problema é que quem segue esse lema acaba acusado de plágio.

Como sempre ocorre comigo, quando faço um exercício para lembrar uma coisa acabo esquecendo outra e já não sabia o que estava fazendo parada na praça. Sentei num banco e fiquei recapitulando meu dia. Era isso, tinha ido

comprar canetas e caderninhos na Muji, minha papelaria favorita. Quando sai da loja, subi numa Velib e minutos depois passava em frente ao hotel Lenox, onde James Joyce hospedou-se com a família. Quem recomendou o hotel foi Ezra Pound, grande poeta e ser humano, sempre disposto a ajudar pintores, escultores, poetas, prosadores. Ezra era de uma generosidade ímpar, doava tempo, dinheiro, fazia correções, aconselhava artistas nos quais acreditava (e, talvez, até aqueles em quem não acreditava).

Normalmente, escritores não têm muito dinheiro, mas em Paris isso não é problema. Qualquer baguete com queijo e um vinho ordinário vira um banquete, basta sentar ao ar livre num parque. É mesmo um mistério: você pode comer o pão que o diabo amassou e mesmo assim vai elogiar a cidade. É bem verdade que nem todos saíram de Paris elogiando. George Orwell descreveu no seu primeiro livro, "Down and Out in Paris and London", sua miserável estada na cidade, onde lavou louça e chegou a mendigar. Ali também pegou pneumonia, a doença se agravou e ele foi internado durante semanas. A temporada no hospital é descrita de forma horripilante no ensaio "Como os Pobres Morrem".

Paris, aqui estou eu novamente, sentada no Lilas, esperando a Jessica, olhando as pessoas na mesa ao lado e a ponta da espada da estátua do marechal Ney na rua. Penso na vida, nesse mundo atemporal que crio na minha imaginação e digo para mim mesma: "Paula, você está viva".

Vejo minha velha amiga Jessica se aproximar. Paris, também para mim, continua a ser a "movable feast".

**Paula Parisot** é escritora, autora de "A Dama da Solidão" (Companhia das Letras, 2007).

## Hotel

### Lenox

Rue de l'Université, 9  
Tel. (00/xi/33/1) 42 96 10 95  
Metrô Saint Germain des Prés  
[www.lenoxsaintgermain.com](http://www.lenoxsaintgermain.com)  
O hotel que abrigou James Joyce é hoje um charmoso três estrelas, com decoração em estilo art déco e muito bem localizado. Diárias a partir de 130 euros (R\$ 335) o casal.

## Restaurante

### La Closerie des Lilas

Boulevard du Montparnasse, 171  
Tel. (00/xi/33/1) 40 51 34 50  
Metrô Vavin  
[www.closerieleslilas.fr](http://www.closerieleslilas.fr)  
Tradicionalíssimo – desde 1847  
–, serve cozinha clássica francesa com algumas inovações.

## Chocolateria

### L'Étoile d'Or

Rue Fontaine, 30  
Tel. (00/xi/33/1) 48 74 59 55  
Metrô Pigalle ou Blanche  
Tem os melhores chocolates franceses e doces de antigamente, selecionados a dedo pela proprietária Denise Acabo. Fecha domingo e segunda de manhã.

## Compras

### Muji

Rue Saint-Sulpice, 30  
Tel. (00/xi/33/1) 44 07 37 30  
Metrô Saint-Sulpice  
[www.muji.fr](http://www.muji.fr)  
Criada em resposta à obsessão por grifes, a empresa japonesa aposta em objetos com design bom, funcional e sem marca. Muji é a abreviação de "Mujirushi Ryohin", que em japonês significa: produtos de qualidade sem marca. Tem mais sete endereços em Paris.

## Bicicleta

### Velib

Bicicletas de aluguel disponíveis em diferentes pontos da cidade. Você pode pegar a bicicleta numa estação e devolver em qualquer outra, elas ficam distantes cerca de 300 metros. Dá para fazer uma assinatura ou pagar a cada uso – os primeiros 30 minutos sempre são gratuitos.  
[www.velib.paris.fr](http://www.velib.paris.fr)